
Shared Roots: Intergenerational Education in the Playful Traditions of the Akwẽ-Xerente People of the Amazon

Raízes Compartilhadas: Educação Intergeracional nas Tradições Lúdicas do Povo Akwẽ-Xerente da Amazônia

Received: 2023-09-03 | Accepted: 2023-10-10 | Published: 2023-10-12

Leonardo Sampaio Baleeiro Santana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2852-7766>

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

E-mail: leonardosbsantana@gmail.com

Neila Barbosa Osório

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6346-0288>

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

Luiz Sinésio Silva Neto

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3182-7727>

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

E-mail: luizneto@uft.edu.br

Armando Sôpre Xerente

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7332-0369>

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

E-mail: soprexerente10@gmail.com

André Ribeiro Gouveia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3051-6257>

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

E-mail: andregouveia@gmail.com

Nubia Pereira Brito Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1026-4734>

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

E-mail: professoranubiabrito@gmail.com

Valmir Fernandes de Lira

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-5690-9196>

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

E-mail: valmirpardal@bol.com.br

Katía Juliane Lopes de Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2520-4889>

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

E-mail: katiajuliano@gmail.com

Victor Hugo de Araújo Gonçalves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0160-4933>

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

E-mail: victor.h.a.g2017@gmail.com

Marlon Santos de Oliveira Brito

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5487-2400>

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

E-mail: marlonoliveirabrito@gmail.com

ABSTRACT

The University of Maturity, linked to the Federal University of Tocantins, maintains a hub in the indigenous community of Tocantínia, located in the State of Tocantins, a member state of the Legal Amazon. The work aims to provide descriptions of these roots with a focus on the perceptions of indigenous elders in the territory regarding Intergenerational Education in indigenous communities, in the approach and perceptions of researchers from the Postgraduate Program in Education in the Amazon. The qualitative methodology with a phenomenological bias involves semi-structured interviews from Oral History and incorporates the sensations and descriptions derived from the narratives that echo the memory of the Akwê-Xerente people. The results describe lived experiences, rescuing nuances of oral tradition, cultural values and intricate connections with indigenous elders. It is concluded that the research substantiates underlying theories through direct interviews with members of the indigenous community, by accessing perspectives inherent to intergenerationality in traditional teachings that engage with the cultural legacy of Amazonian communities and illuminate the richness of traditions present in the indigenous community from Tocantínia.

Keywords: Intergenerational Education; Education in the Amazon; Indigenous Education; Educational Practices.

RESUMO

A Universidade da Maturidade, vinculada à Universidade Federal do Tocantins, mantém um polo na comunidade indígena de Tocantínia, situada no Estado do Tocantins, estado membro da Amazônia Legal. O trabalho objetiva fornecer descrições dessas raízes com foco nas percepções de anciãos indígenas do território quanto à Educação Intergeracional em comunidades indígenas, em abordagem e percepções dos pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia. A metodologia qualitativa de viés fenomenológico envolve entrevistas semiestruturadas da História Oral e incorpora as sensações e descrições derivadas das narrativas que ecoam a memória do povo Akwê-Xerente. Os resultados descrevem experiências vividas, ao resgatar nuances da tradição oral, valores culturais e as ligações intrincadas com os anciãos indígenas. Conclui-se que a pesquisa fundamenta teorias subjacentes por meio de entrevistas diretas com os membros da comunidade indígena, ao acessar perspectivas inerentes à intergeracionalidade em ensinamentos tradicionais que se engajam com o legado cultural das comunidades amazônicas e iluminam a riqueza das tradições presentes na comunidade indígena de Tocantínia.

Palavras-chave: Educação Intergeracional; Educação na Amazônia; Educação Indígena; Práticas Educativas.

INTRODUÇÃO

O trabalho divulga a literatura acadêmica e descreve percepções dos pesquisadores em práticas que envolvem a Educação intergeracional, no âmbito do polo da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT), que existe na comunidade indígena de Tocantínia, Estado do Tocantins. Trata-se de uma construção coletiva que envolve sensações e descrições de narrativas, sobre a memória do povo Akwê-Xerente.

Colabora-se com Osório, Silva Neto e Nunes Filho (2022) em estudos sobre a Educação ao longo da vida na Amazônia legal e na visão de Ricoeur (2006), ao divulgar um diálogo acadêmico na perspectiva “além do texto”, para alcançar apoio teórico em reflexões que envolvem

a construção social da memória e da oralidade (ALBERTI, 2000), aplicáveis à realidade dos povo Akwê-Xerente que vive no Território Indígena Xerente, na Região Norte do Brasil.

Sobre isso, a perspectiva de Xerente (2019) foi fundamental para alcançar os destaques aqui publicados, tendo em vista que utiliza-se de memórias e da história de vida produzida a partir da experiência de anciãos indígenas. Ao passo que, de posse desse material, consegue ir além de um debate majoritário e faz-se um rápido recorte da literatura tradicional, que situa a discussão no interior do debate acadêmico.

O principal objetivo é divulgar narrativas oriundas de integrantes do povo Akwê-Xerente, especificamente de líderes, chamados de “anciãos”, a fim de ampliar a compreensão, nos limites fenomenológicos, de como eles entendem a Educação Intergeracional, utilizando-se de referências bibliográficas próprias e produzidas por integrantes do próprio povo Xerente, na transmissão e preservação de histórias de geração para geração, denominada, na visão eurocêntrica como Educação intergeracional (VILLAS-BOAS, 2016).

A metodologia envolve a descrição de percepções na perspectiva fenomenológica do conhecimento. Ou seja, uma análise descritiva das características essenciais do conhecimento enquanto fenômeno (MERLEAU-PONTY, 1996). Afinal, os pesquisadores são colaboradores da UMA/UFT, participam da rotina desses anciãos e vivenciam a realidade apresentada em atividades realizadas nos espaços da Tecnologia Social (TRANSFORMA, 2013).

Minayo (2008) orienta que a pesquisa social é uma metodologia que envolve o caminho do pensamento junto com uma prática exercida na abordagem de uma determinada realidade. Neste sentido, a metodologia, também, alcança o que Gil (2008) chama de pesquisa qualitativa com questões particulares de um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Percebe-se nos resultados que os anciãos do povo Akwê-Xerente são reverenciados pelos demais como “bibliotecas vivas” (XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017), pois contam a história do seu povo. De modo que os mais novos ouvem e crêem que as bibliotecas são fontes históricas. Daí, as colocações envolverem teorias da História Oral, de Alberti (2000).

Ainda entre os resultados divulga-se a preservação da memória de um lugar, sensações de um determinado contexto, e fomenta-se em prática de pesquisa científica a teoria de que é preciso manter a história dos povos tradicionais que se relacionam de modo multicultural, na busca de manter viva e fortalecer bases (FEITOSA; VIZOLLI, 2021). De modo que para isso, Alberti (2000), Minayo (2008) e Gil (2008), recomendam publicações para que essa memória seja preservada com fotos, documentos, objetos e organização de registros de falas e fatos.

Portanto, acredita-se que o trabalho contribui com a comunidade acadêmica ao compreender melhor o universo indígena por meio de relatos de experiências conscientes, descritos em essência fundamental. Afinal, segundo os autores Xerente e Da Silva Xerente (2017, p. 349), os anciãos indígenas garantem os relacionamentos intergeracionais nas comunidades,

pois “entre os mais velhos e a comunidade como um todo sempre se fez presente no contexto da comunidade indígena para promoção de convivência harmoniosa entre as famílias e os clãs, pois são eles que organizam as festas as cerimônias”.

OS ANCIÃOS COMO RAÍZES DE CONHECIMENTO

Nesta parte divulgam-se exemplos que envolvem os anciãos Akwê-Xerente como fontes de saber e são apresentados como fontes orais, motores de recuperação de dados sobre a participação do indivíduo em temas específicos (ALBERTI, 2000). Assim como fez Santana (2022), ao divulgar atividades da UMA/UFT em Tocantínia no recorte do contexto que envolveu a troca de experiências entre os anciãos e os mais novos, por meio da contação de histórias.

Ainda segundo Alberti (2000), a percepção que se tem da vida e dos modos de compartilhar vivências está associada às formas e modelos de se narrar tais experiências, assim como as formas de representação e relacionamentos com estas. De modo que aqui utiliza-se as que a autora chama de “fonte oral” para compreender o mundo.

Kontxóá (2012) menciona essa habilidade para captar, processar e entender a informação que os sentidos humanos recebem, ao dizer:

Até quando essas melodias de tempos imemoriáveis vão ainda acordar os espaços noturnos do tempo e enchê-lo de um sentimento puro que molha o coração da gente com perfume de vozes solitárias, místicas e sensuais?
(KONTXÓÁ, 2012, p. 125)

Na visão de Alberti (2000), quando uma fonte é reconhecida ela passa a ter poderes que chegam a sobrepor fatos históricos; pois consegue uma relação mais próxima do sujeito, e, por meio da oralidade, garante uma melhor aproximação com experiências adquiridas, respaldadas e fortalecidas nas memórias (FEITOSA; VIZOLLI, 2021). Os anciãos Akwê-Xerente são respeitados e capazes de atribuir sentido à um fato histórico a partir de referências comuns entre os que convivem no meio alcançado por narrativas e vivências.

Essa percepção foi alcançada na pesquisa, pois nota-se que os anciãos são respeitados em falas e práticas, e assumem a posição de “fontes” que armazenam as explicações a fenômenos que envolvem a comunidade indígena Akwê-Xerente (XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017). Deste modo, em sentido particular, as transmissões de geração em geração, não são necessariamente estáticas e se transformam, a cada conversa e interação com um ancião; fato que amplia os possíveis modelos, seja de caráter educativo, social ou cultural; um conceito que pode ser chamado de Educação intergeracional (KISHIMOTO, 1999; VILLAS-BOAS, 2016).

Oliveira et al (2021, p. 7) cita que as relações intergeracionais com os mais velhos “precisam ser pautadas nas realidades locais, construídas coletivamente com as famílias das crianças e os velhos de cada comunidade”, conceito por vezes pedido de empréstimo a outros

autores quando citam a necessidade de garantir o respeito às peculiaridades históricas, sociais e culturais; assim como publica Xerente (2019) em trabalho realizado diretamente junto aos anciãos e anciãs da comunidade Akwê-Xerente, em situações de fala natural.

Desta perspectiva, encontra-se que os anciãos indígenas são respeitados pela comunidade do Território Indígena Akwê-Xerente como “bibliotecas vivas” (XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017), com experiência e conhecimentos que auxiliam os demais a compreenderem o que os cercam. Ou seja, são detentores de poderes de interpretação dos fenômenos percebidos pela comunidade, segundo o raciocínio, vivências e experiências (MERLEAU-PONTY, 2018; FEITOSA e VIZOLLI, 2021).

OS ANCIÃOS INDÍGENAS COMO FONTES ORAIS

No contexto da região, em estreita proximidade com as comunidades indígenas da localidade de Tocantínia, efetuaram-se um conjunto de entrevistas. Utilizando os preceitos metodológicos estabelecidos na abordagem da História Oral, tal como concebida por Albert (2000), Gil (2008) e outras bases fundamentais. De modo que foram conduzidas três sessões de entrevistas com o propósito subjacente de obter percepções e narrativas diretas provenientes de indivíduos anciãos pertencentes aos grupos indígenas da Amazônia (XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017).

Vale ressaltar que o foco das conversações recaiu sobre o domínio das brincadeiras e das interações sociais, enquadrado no contexto deste trabalho e das vivências desses anciãos (KISHIMOTO, 1999; MERLEAU-PONTY, 2018). Ao passo que as entrevistas obedeceram a um protocolo estruturado que permitiu a captura sistemática das experiências e memórias intergeracionais compartilhadas pelos participantes (VILLAS-BOAS, 2016).

No contexto da entrevista semiestruturada, a pergunta formulada "Como a comunidade é ensinada fora da escola?", orientou a coleta de respostas que agora são apresentadas como parte deste relato. As respostas obtidas refletem as perspectivas e opiniões dos participantes sobre os métodos e processos de ensino presentes na comunidade indígena e abordam especificamente as práticas educacionais que ocorrem além do ambiente formal da escola (FREIRE, 2014).

Os entrevistados relatam:

Nós Akwê é diferente dos não-indígenas, nossa ensinamento é feito na comunidade, no mato, no rio e no Warã, hoje tá muito diferente, os jovens já não quer mais ouvir nossas histórias, acham que já é coisa de antigos, mas na minha época nós crianças acompanhavam nossos pais para fazer roça, lembro que eu gostava de ajudar meu pai, ele ia muito para roça e nos contava história, no caminho para a roça, eles mostravam quais eram as madeiras boas para fazer fogo, mostrava qual era a planta boa para remédio, e nos aprendia assim, caminhando e aprendendo, e quando chegava na roça eu ajudava a pegar as pedras pequenas e colocava tudo no canto. Hoje os meus filhos não querem

mais fazer roça, mas eu tento contar história, ainda mais na hora de comer. (SAMURU XERENTE, 2023)

Nós ensina nossas filhas é na hora de ir no rio para lavar roupa, na hora de fazer refeição, na hora de fazer nosso artesanato para vender, é o momento bom para fazer ensinamento é o lugar de ensina nossa cultura para nossos filhos e netos. (SDUPUDI XERENTE, 2023)

Hoje eu sou historiador, aprendi que minha cultura é uma riqueza, os nossos ensinamentos fora da sala de aula é o que nos fortalece e nos lembra já que nossas histórias são passada através da oralidade, a educação formal vem para nos ensinar a escrever e poder fortalecer através da escrita o que aprendemos e ensinamos através da oralidade. Ao entrar na Universidade, aprendi a respeitar ainda mais as pessoas, sejam não indígenas e outros parentes de outros povos. Mas sempre em nossa cultura é transmitida no nosso Warã todo nosso ensinamento. (MARINHO XERENTE, 2023)

As respostas se caracterizam por diversidade e nuances, delineando um quadro abrangente das formas pelas quais o conhecimento é transmitido e adquirido dentro do contexto da comunidade indígena (FEITOSA; VIZOLLI, 2021). Entre as respostas registradas, emergem abordagens que se baseiam na tradição oral, na transmissão de histórias e narrativas ancestrais como veículos de aprendizado (KISHIMOTO, 1999; VILLAS-BOAS, 2016). Além disso, observa-se a importância da interação interpessoal entre gerações, onde as pessoas idosas desempenham um papel ativo como portadores do saber, compartilhando conhecimentos práticos, valores culturais e habilidades específicas (RICOEUR, 2006; e XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017)).

Em outro momento do diálogo, as respostas obtidas em relação à pergunta "Esse tipo de ensinamento é importante? Por quê?" refletem perspectivas fenomenológicas inerentes aos anciãos indígenas que participaram das entrevistas. Por meio das narrativas, emerge uma visão profundamente enraizada na vivência subjetiva e na percepção singular do mundo que os rodeia.

Ao passo que narram:

É importante muito, para lembrar dos antigos, lembrar da nossa origem e dos nossos parentes que já não estão mais no meio de nós. (SAMURU XERENTE, 2023)

Muito, é nossa cultura, é nossa tradição ensinar nossas filhas a se preparar para quando for casar, pois tem muita mulher preguiçosa, e minha mãe me ensinou a trabalhar para cuidar da família. (SDUPUDI XERENTE, 2023)

Importante para preservar memórias, de onde viemos, e como chegamos aqui, como nascemos e como morremos. Tudo é passado através das nossas bibliotecas vivas(anciões) e que infelizmente cada ano que passa perdemos mais e mais, eu vejo que muita coisa mudou, o meu pai sempre foi muito bravo com nós homens e eu não sou igual ele com os meus filhos. Na minha época nos respeitava qualquer pessoa, os jovens hoje são poucos que respeitam. E o ensinamento serve para fortalecer os respeito e a nossa história. (MARINHO XERENTE, 2023)

Nota-se que as respostas capturam uma valorização intrínseca do ensinamento que ocorre fora do ambiente escolar, além do destaque da relevância da manutenção da identidade cultural,

da conexão com os antepassados e do fortalecimento do senso de pertencimento à comunidade (RICOEUR, 2006). Essas visões refletem a apreciação da sabedoria acumulada ao longo das gerações e a crença na importância para a preservação da herança cultural indígena.

As respostas revelam a percepção de que o ensinamento tradicional é um complemento valioso ao aprendizado formal proporcionado pelas instituições educacionais convencionais (KISHIMOTO, 1999; OLIVEIRA et al, 2021). Os entrevistados destacaram que as lições transmitidas por meio das tradições orais e das práticas cotidianas contribuem para o desenvolvimento holístico das gerações mais jovens, e proporcionam um entendimento profundo da relação entre a natureza, a comunidade e o conhecimento ancestral (XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017).

Neste caminho, as respostas derivadas da pergunta "As crianças respeitam esses ensinamentos? Como você percebe esse respeito?" englobam observações e percepções contidas nas interações dialógicas coletadas sobre a forma como os participantes interpretam e avaliam a atitude das gerações mais jovens em relação aos ensinamentos tradicionais (FERRIGNO, 2015).

Os apontamentos dos anciãos articulam a percepção dos pesquisadores acerca do respeito manifestado pelas crianças em relação aos ensinamentos tradicionais. Uma notável observação presente é a fraqueza na sintonia das gerações mais jovens com os conhecimentos transmitidos pelos anciãos, e o sentimento de que ela pode ser ampliada em expressões que envolvem a participação ativa em cerimônias, rituais e atividades cotidianas (FREIRE, 2014; FERRIGNO, 2015).

Os anciãos descrevem:

As crianças são meus netos, eles ficam aqui em casa enquanto os meus filhos vão trabalhar, eles me chamam de pai. As crianças gostam de ouvir histórias, não são como os jovens que quando vamos falar , eles logo saem de perto. (SAMURU XERENTE, 2023)

Eu percebo, olha ai meus netos, tudo limpo, tudo com barriga cheia, isso quer dizer que não tá andando igual cachorro na casa dos outros não. Mas eu ensino a me respeitar, minha casa não é bagunça não. (SAMURU XERENTE, 2023)

Respeitam, mas não é igual ao meu tempo, não tinha celular para distrair as crianças na época, agora as crianças sabem o que é celular, televisão e isso faz com que as crianças preferem essas tecnologias, mas eu sei que as crianças estão aprendendo mesmo olhando , é por isso que é importante festas para que as crianças participem dos cantos, das danças para preservar nossa identidade e cultura. (MARINHO XERENTE, 2023)

A valorização dos ensinamentos tradicionais pelas crianças é frequentemente interpretada pelos entrevistados como um indicativo de continuidade cultural e interesse genuíno nas práticas ancestrais (XERENTE, 2019). Preocupação observada em manifestações de respeito que transcendem o aspecto superficial e adentram as esferas emocional e espiritual.

Enfim, a abordagem da História Oral, conforme concebida por Albert (2000) e expandida por outros autores, prioriza a compreensão da história a partir das vozes e perspectivas daqueles

que viveram um diálogo íntimo entre passado e presente (XERENTE e DA SILVA XERENTE, 2017). Nesse sentido, os anciãos indígenas emergem como agentes de uma reconstrução histórica baseada em lembranças e narrativas pessoais e contribuem para a preservação de um legado cultural e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas delineiam uma narrativa que retrata as brincadeiras e interações que enriqueceram a vida desses indivíduos durante períodos históricos distintos (XERENTE, 2019). Ao passo que tais perspectivas compartilhadas pelos anciãos indígenas transcendem o âmbito das meras atividades recreativas, e demonstram contextos mais amplos da reprodução cultural, da transmissão de valores e saberes, bem como da coesão social dentro das comunidades indígenas da Amazônia.

As respostas obtidas e a revisão alcançada evidenciam a interconexão entre a educação tradicional e a autonomia cultural. Referenciam como elas permitem que os anciãos indígenas se sentem fortalecidos na preservação de identidades em meio às influências externas. Além disso, as respostas sugerem que esse tipo de ensinamento transcende o mero domínio de habilidades práticas, englobam valores éticos, visões de mundo e a capacidade de se adaptar às mudanças sem perder a essência cultural.

Destaca-se que as respostas revelam o que a revisão bibliográfica chama de compreensão fenomenológica, ao ser intrincada por parte dos anciãos indígenas entrevistados, onde o valor do ensinamento tradicional é ancorado na experiência subjetiva, nas tradições compartilhadas e nas conexões emocionais e espirituais que sustentam a perspectiva singular sobre a importância desse tipo de aprendizado.

O trabalho alcança o objetivo de trazer reflexões quanto à relevância das atividades cotidianas, brincadeiras e interações entre crianças e pessoas idosas, como oportunidades de aprendizado, onde as diferentes gerações são envolvidas em práticas comunitárias, como a participação em cerimônias, rituais, agricultura e outras atividades funcionais. Ao passo que a natureza imersiva dessas experiências é evidenciada nas respostas, que ressaltam como a aprendizagem ocorre de maneira orgânica, integrada à vida diária e à participação ativa nas atividades da comunidade.

É notável que o trabalho enfatiza a conexão intrínseca entre educação e cultura, e ainda como as tradições e práticas da comunidade indígena desempenham um papel fundamental na transmissão de conhecimentos. Julga-se, portanto, ser útil para reflexões em panoramas multifacetados de estratégias pedagógicas adotadas por comunidades indígenas para a educação

informal, demonstrando a resiliência e a eficácia desses métodos em preservar e perpetuar o patrimônio cultural e intelectual da comunidade.

Destaque também para as nuances subjacentes do respeito, como o reconhecimento da autoridade dos anciãos como detentores do saber, bem como a atenção dada às orientações e instruções fornecidas. De modo que a presença de uma atitude atenta e uma disposição para se engajar nas atividades tradicionais é frequentemente interpretada pelos entrevistados como um indicativo claro de respeito.

Por fim, ao adotar a abordagem, fundamentada em teorias subjacentes e seu viés participativo e subjetivo, o estudo atinge um grau de profundidade, resgata as nuances das experiências vividas e enfatiza aspectos da interação humana e do brincar que envolvem o registro histórico. Pois as respostas capturam a apreensão dos entrevistados quanto ao respeito aos ensinamentos tradicionais, fitados nos anciãos. Percepções obtidas no diálogo direto com os entrevistados que proporcionam um vislumbre da maneira como as gerações mais jovens se envolvem com as práticas culturais nas comunidades amazônicas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Indivíduo e biografia na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2000. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6715/1525.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2023.

FEITOSA, L; VIZOLLI, I. **Entre fronteiras, matas e beiras de rios: Amazônia legal brasileira e o pesquisar da educação escolar indígena**. Muiraquitã: Revista de Letras e Humanidades, v. 9, n. 2, 2021.

FERRIGNO, José Carlos. **Conflito e cooperação entre gerações**. Edições Sesc, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KISHIMOTO, Tizuco Mochida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1999.

KONTXÓA, V. **Os Krahô**. In: WEWERING, Silvia Thêkla (Org.). **Povo Akwê Xerente: vida, cultura, identidade**. Belo Horizonte: Editora Rona, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, Edição: 2018.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 27 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

OLIVEIRA, Nubia Pereira Brito et al. **A construção do conhecimento entre crianças e velhos no contexto da Educação Infantil na BNCC**. CONEDU. Campina Grande: Realize Editora: 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/81450>. Acesso em: 24 abr. 2023.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S.; NUNES FILHO, F. A. **GeronTOcantins: estudos sobre a educação ao longo da vida na Amazônia legal**. Organizadores. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/5162> Acesso em: 31 jul. 2022.

RICOEUR, Paul. **La vida: Um relato em busca de narrador**. ÁGORA — Papeles de Filosofia — (2006), Disponível em: http://www.relal.org.co/Hno.busca_de_narrador.pdf. Acesso em: 22 maio 2023.

SANTANA, Leonardo Sampaio Baleeiro et al. **A Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins em Tocantínia: um polo para ouvir e contar histórias com os anciãos**. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 5, p. 38199-38208, 2022. Disponível em:

<https://scholar.archive.org/work/b47htpwhqzd5ddeoigswrvzela/access/wayback/https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/48170/pdf> Acesso em: 15 jun. 2023

TRANSFORMA, Fundação Banco do Brasil. **Tecnologias Sociais Reconhecidas. Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT)**. 2013. Disponível em: <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/universidade-da-maturidade-uma-proposta-de-educacao-para-adultos-e-velhos> Acesso em: 02 fev. 2023.

VILLAS-BOAS, S. et al. **A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida - Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos**. Investigar em Educação, v. 2, n. 5, 2016.

XERENTE, Rogério Srône; DA SILVA XERENTE, Sílvia Letícia Gomes. **O Contexto Social E Ações Pedagógicas Nas Escolas Indígenas Akwê?**. Articulando e Construindo Saberes, v. 2, n. 1, 2017.

XERENTE, Armando Sôpre. **Particularidades dos sons, nomes, verbos, advérbios e posições em Akwê (Xerente), família Jê central, tronco Macro-Jê**. Dissertação de Mestrado. UNB: 2019.

FONTES ORAIS

SDUPUDI XERENTE, Marcilene Sdupudi Xerente. 47 anos. Anciã. Tocantínia - TO. Depoimento [jun. 2023]. Entrevistador: Leonardo Sampaio Baleeiro Santana. Tocantínia: 2023.

SAMURU XERENTE, Renato Samuru Xerente. 50 anos. Cacique na Comunidade Indígena. Tocantínia - TO. Depoimento [jun. 2023]. Entrevistador: Leonardo Sampaio Baleeiro Santana. Tocantínia: 2023.

MARINHO XERENTE, Edilberto Waikairo Marinho Xerente. 37 anos. Ancião na Comunidade Indígena Rio Verde. Tocantínia - TO. Depoimento [jun. 2023]. Entrevistador: Leonardo Sampaio Baleeiro Santana. Tocantínia: 2023.